

8.01.06 – Linguística / Linguística Aplicada.

A SECA EM ALAGOAS NOTICIADA

Maria da Saúde Barros Nascimento¹, Ismar Inácio dos Santos Filho²

1. Graduanda do curso de Letras- Português na Universidade Federal de Alagoas (UFAL- Campus do Sertão)
2. Professor adjunto no curso de Letras- UFAL / Orientador

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade apresentar os resultados das discussões realizadas dentro do projeto de pesquisa intitulado “A construção enunciativo-discursiva da seca em Alagoas”, vinculado ao PIBIC 2017-2018, pertencente ao “Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano”, que teve como objetivo principal compreender o discurso sobre a seca em Alagoas construído em notícias de jornais, percebendo se esses são de convivência com o semiárido ou apenas de enfrentamento da seca. Após as análises, compreendemos que o discurso que se repete nas notícias analisadas é o discurso que coloca a seca como culpada dos problemas vividos pela população sertaneja, nordestina, precisando, portanto, ser enfrentada, combatida, e não um discurso de convivência.

Palavras-chave: Enunciação; Discurso; Políticas públicas.

Trabalho selecionado para a JNIC: UFAL.

Introdução

Sempre que alguém fala de Sertão, Semiárido ou Nordeste, logo surge no pensamento uma ideia de lugar seco, sem vida, atrasado, isso porque esse espaço, essa região, é conhecido(a) como a região da seca. Mas, Molion (2016) explica que a seca é parte do clima da região, que, sendo uma região semiárida tem um “déficit hídrico”, pois dependendo da área pode chover da ordem de 500mm a 800mm, enquanto a demanda de evaporação é da faixa de 2.500 mm. Logo, políticas de convivência com a seca são necessárias. Albuquerque Júnior (2011) também se refere à seca como um fenômeno climático sobre o qual historicamente tem sido impressos significados.

Pensando a esse respeito, o intuito dessa pesquisa, que fez parte do estudo realizado dentro do projeto de pesquisa intitulado “A construção enunciativo-discursiva da seca em Alagoas”, vinculado ao PIBIC 2017-2018, foi fazer uma análise enunciativo-discursiva sobre a seca no gênero notícia de jornal que circula em Alagoas, procurando compreender que discursos circulam e que sentidos são forjados sobre esse fenômeno, se são discursos de convivência com a seca ou de enfrentamento a ela.

Para realizar essa análise, focalizamos na área da Linguística Aplicada, que se afilia ao modelo interpretativista de fazer pesquisa, interessando-se pelas práticas sociais de linguagem, mobilizando, assim, a leitura enunciativo-discursiva como perspectiva metodológica, entendendo o texto como um enunciado que envolve um sujeito, o “eu”, que fala para “outro” e as condições enunciativas.

Esse estudo torna-se relevante porque possibilita a ampliação de uma postura proativa, com capacidade para lidar de forma crítica com os usos da linguagem, percebendo que através da linguagem é que se constrói o mundo, e não ao contrário; além de construir novos olhares para a territorialidade.

Como objetivos específicos, procuramos compreender a leitura em perspectiva transversal, pelo viés enunciativo-discursivo; situar historicamente a invenção discursiva do Nordeste/sertão por grupos políticos nordestinos; situar a seca como um fenômeno climático e histórico; realizar estudos sobre a esfera jornalística; refletir sobre o discurso da seca e as políticas públicas.

Metodologia

Nesse estudo, compreendemos que a língua(gem) se dá no processo enunciativo-discursivo, e o procedimento metodológico, o procedimento de análise, se dá pelo que podemos chamar de “etnolinguística da fala viva”, que, segundo Bakhtin/Volochínov, conforme Santos Filho (2012), tem como objetivo de estudos

(...) o mundo dos significados, os estudos das relações dialógicas, os processos das atividades de homens e mulheres com e sobre a linguagem nas relações sociais, entendendo que a língua não deve ser separada de seu conteúdo ideológico. Língua e sujeitos são situados (SANTOS FILHO, 2012, p. 5).

Nessa perspectiva, entendemos que em determinada época se pensa de determinada maneira, e dependendo do contexto os usos linguísticos vão se diferenciar, assim também como a forma pela qual as pessoas enxergam o mundo.

Para tanto, foi pertinente trazer para a pesquisa a ideia de texto como enunciação, na qual, segundo Bakhtin/Volochínov (2004), o texto é uma manifestação do “eu” em direção a um “outro”, em determinada situação e contexto histórico. Nesse sentido, a enunciação possui duas faces, a do locutor e da do interlocutor, que estão

em um contexto histórico, político e social, no qual “os significados são construídos situacionalmente pelos participantes na interação, na medida em que interpretam a intenção nas palavras proferidas pelos outros” (BAZERMAN, 2015, p.163).

Fez-se também importantes estudos da compreensão bakhtiniana de esferas de comunicação e de gêneros discursivos, favorecendo, assim, à construção e à análise dos enunciados sobre a seca, pois, saber qual é o gênero de um texto e quais suas características e funcionalidade é essencial antes de começar uma análise, já que, como diz Bazerman (2015), o gênero é quem fornece as informações necessárias para tipificar e reconhecer o significado e importância de textos, assim também como a situação e a atividade de que os textos fazem parte. Dessa maneira, ao analisarmos o gênero discursivo procuramos refletir sobre: quem está enunciando e para quem? Qual a função social de determinado gênero? Quais usos linguísticos empregados? E outros aspectos.

A análise se deu pelo viés da leitura enunciativo-discursiva em perspectiva transversal, já que solicita a compreensão histórica do tratamento discursivo dado à seca e às questões políticas implicadas. Nesse viés transversal, foi imprescindível o estudo sobre a construção do Nordeste e da seca, com Albuquerque Jr. (1998; 2013), e da esfera jornalística, com Nilton Hernandes (2017) e Patrick Charaudeau (2006).

Resultados e Discussão

Foram escolhidas para o *corpus* de análise duas notícias que falam a respeito da seca na região de Alagoas, a primeira publicada no dia 28/09/2016, às 10h08, disponível em < encurtador.com.br/foENR >, e a segunda publicada no 21/02/2017, às 15h11, disponível em < encurtador.com.br/gNP13 >, com meu acesso em 20 de novembro de 2017, ambas veiculadas on-line. Foram escolhidas notícias de anos diferentes de modo a perceber se diferem na maneira como tratam a seca.

A primeira notícia analisada está intitulada “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, conforme vemos na sequência:



Figura 01: Notícia sobre o reconhecimento da situação de emergência em Alagoas.

Fonte: G1 Globo

Para a análise, primeiramente foi preciso compreender que o gênero notícia de jornal pertence à esfera jornalística, sendo que seu papel é a divulgação de informação, mas não qualquer tipo de informação, e sim aquelas informações mais relevantes para a sociedade. Além disso, como diz Benassi (2009), só passa a ter valor jornalístico se tratar de um assunto atual. Suas principais características são: texto em terceira pessoa; concreto; objetivo. “Já as marcas linguístico-enunciativas mais visíveis nesse gênero são: a estrutura com lide, linguagem intermediária, poucos adjetivos dando ênfase aos **substantivos** e **verbos**, os quais devem impressionar o leitor”. [grifo nosso] (BENASSI, 2009, p. 1796).

Sendo assim, tratando-se de um enunciado, exige uma relação de enunciador e um coenunciador, relação que não acontece de forma direta, mas indireta. Na dimensão social, a notícia divulga informações de todas as áreas, desde a política até a saúde. Quem a produz? E para quem se dirige essa notícia? À população que deseja estar informada dos acontecimentos que vem ocorrendo na sociedade. Nesse caso em especial, à população da região de Alagoas e aos sertanejos e sertanejas especificamente.

Nessa primeira notícia, pelo título “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, percebe-se que o enfoque principal é a “situação de emergência” que vem ocorrendo no Estado de Alagoas, ou seja, não é qualquer situação, e sim uma situação séria e que precisa ser resolvida no momento. A notícia vem trazendo “pistas” do que seria essa “situação de emergência”, quando menciona, por exemplo “...as **dificuldades** enfrentadas pelos agricultores **por causa da falta de chuva** nos municípios”, no sentido de que a “situação de emergência” séria foi “por causa da seca e da falta de chuva nas regiões”.

No primeiro parágrafo, volta a especificar que a causa dessa situação é a seca, quando diz: “a situação **foi decretada/devido** à seca nas regiões”. Nesse caso, a construção sintática “foi decretada” é construída com o verbo auxiliar “ser” e o particípio de verbo “decretar”, sendo, dessa forma, usada na voz passiva, estando a “situação [de emergência]” recebendo a ação de ser decretada e devido a esse clima. A informação é considerada um assunto atual, já que faz parte do cotidiano da população sertaneja alagoana, devido ao clima do Sertão ser semiárido.

Em se tratando de um gênero discursivo, os usos linguísticos não são colocados aleatoriamente; são pensados de forma a conseguir produzir os efeitos desejados, ou seja, “as escolhas que fez de léxico, morfologia e sintaxe não são aleatórias, ao contrário, são realizadas pensando no outro que lerá esse enunciado” (SANTOS FILHO, 2012, p. 35). Assim, o verbo presente no título, por exemplo, é apresentado no presente, forjando a ideia

de algo que está acontecendo no momento.

A notícia fala das “dificuldades **enfrentadas** pelos agricultores **por causa da** falta de chuva nos municípios”. Ao utilizar a palavra “enfrentadas”, percebemos que o discurso que a notícia traz é um discurso de enfrentamento da seca. Mas, como explica Molion (2016), a seca faz parte do clima natural da região, configurando um *déficit* hídrico. Dessa maneira, com o uso de “por causa da”, culpa a seca mais uma vez.

Além disso, quando coloca “**dificuldades** enfrentadas pelos agricultores”, constrói também uma imagem de pessoas sofridas, construído sobre as pessoas da região um discurso estereotipado, como visto em Albuquerque Júnior (2011, 2004, 2017), aquele discurso que constrói a imagem da população Nordestina/sertaneja como sendo de pessoas pobres, sofridas, tristes – pegando características comuns e as generalizando, esquecendo das diferenças, tendo a seca como a culpada por esse sofrimento.

O discurso da seca presente nessa notícia é, portanto, um discurso que culpa a seca pelos problemas que ocorrem na sociedade, problemas muitos sérios, reconhecidos pelo uso da palavra “emergência”. E sendo a seca considerada culpada, é necessário criar medidas para **enfrentá-la**, ficando isso evidente no quarto parágrafo, pois, segundo a notícia, é preciso “...adotar medidas para o **combate** à situação”.

Esse é, portanto, um discurso que se assemelha aos discursos criados pela elite nortista para conseguir verbas, discursos de poder, que segundo Albuquerque Júnior (2004; 2011; 2017), foi construído a partir da seca de 1877-1879, culpando a seca pelos problemas da sociedade, apagando as outras mudanças sociais que vinham ocorrendo. Vemos isso também no terceiro parágrafo, quando diz: “...com a situação de emergência reconhecida, os municípios podem ter acesso aos programas federais de fornecimento de água tratada, como a Operação Carro-Pipa...”. Vemos que, ao ser “reconhecida”, com o uso de um verbo que está no participio do passado, indicando um adjetivo, no caso, o fato da situação de emergência ser reconhecida, atribui significados de que a seca já estava lá, apenas não tinha sido admitida ainda. Nesse tipo de discurso, percebe-se que são apagadas as possibilidades de criação de outras políticas públicas para conviver com a seca.

Nessa dimensão, esse discurso está dialogando com outros discursos já vistos anteriormente, tal como em filmes e novelas, por exemplo, nos quais o Nordeste e o(a)s nordestino(a)s, o Sertão e os sertanejos e sertanejas, são construídos de forma estereotipada; o sertão é o lugar seco, sem vida, de pessoas duras, sofridas. Isso pode ser percebido na segunda notícia também. Vejamos!



Figura 02: Notícia que decreta situação de emergência em Alagoas
Fonte: G1 Globo

O título dessa segunda notícia é “Governo de AL decreta emergência por conta da seca em 77 cidades”. Nessa, de 2017, já ocorrem algumas mudanças em relação à notícia publicada em 2016, analisada anteriormente, tais como: o verbo não é mais “reconhecer”, e sim “**decretar**”, porque nessa notícia não está falando mais da União, o Governo Federal, e sim, como está posto no título, do Governo do Estado, que **decreta**. Ao falar que esse governo “**reconhece**” quer dizer que está admitindo como verdadeiro algo que já foi dito anteriormente. Já com o uso de “decreta”, nesse contexto, é a decisão legal que a autoridade tomou, ou seja, uma decisão a respeito das cidades que, segundo a notícia, estão sofrendo devido à seca. Existe, nesse caso, uma relação de hierarquia, de dependência, pois o governo no estado “decreta” a situação de emergência e o Governo Federal “reconhece”, para só assim liberar e enviar verbas para a região.

Uma observação é que de 2016 para 2017 houve um aumento em 37 cidades em **estado de emergência**, segundo está posto no jornal, como no terceiro parágrafo, quando a notícia informa que “o número de municípios que teve a situação de emergência decretada subiu para 77”.

No primeiro parágrafo informa que a “situação de emergência é **divido à** seca”. Aí, vemos o uso do participio do verbo “dever”, com valor de causa, admitindo a seca como sendo a culpada da situação de emergência. No quarto parágrafo é explicado o porquê da situação de emergência, ao afirmar que “os reservatórios de água dos municípios estão comprometidos, prejudicando, por sua vez, o abastecimento de água da população, além da baixa quantidade de chuva nos municípios”. No final desse parágrafo, vemos o uso de “ações emergenciais de **combate** à seca”, expressão na qual o substantivo no plural “ações” é qualificado com “emergenciais”, sintagma que é caracterizado como sendo “de combate” no sentido enfrentar e acabar com a seca, como se isso fosse possível.

Essa segunda notícia segue o mesmo padrão do anterior, repetindo o discurso de “combate à seca”, afirmando que é preciso enfrentá-la, no sentido de que se deve procurar meios para acabar com ela. Mas, como

já vimos em Molion (2016) e em Albuquerque Junior (2011) não é possível esse enfiamento, já que se trata do clima natural da região. Ou seja, os discursos das duas notícias são praticamente o mesmo. Nesses, Alagoas está passando por uma situação crítica de seca, em 40 cidades em 2016 e em 77 cidades em 2017, necessitando, portanto, de verbas para o seu combate.

Logo, conclui-se que há uma hierarquia envolvendo esse ciclo, no qual se encontra no topo o governo Federal, logo depois o governo do Estado e, por fim, o governo municipal, sendo o ponto de partida, pois os municípios veem nessas ações do governo uma forma de diminuir a escassez de água, pelo menos compreendemos que essa é a visão da população, mas que as vezes acaba sendo a menos beneficiada.

Conclusões

O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise do discurso sobre a seca presente em notícias de jornais, procurando demonstrar o que a notícia diz e como diz sobre a seca. Assim, diante do que foi analisado, é possível afirmar que o discurso de **convivência** com a seca é na verdade discurso de **enfrentamento** dessa.

Podemos perceber com a análise dessas duas notícias que, apesar de uma ser de 2016 e a outra de 2017, em ambas é percebido o mesmo discurso que coloca a seca como culpada dos problemas, precisando essa ser enfrentada, combatida, e não um discurso de convivência, como na expressão “adotar medidas para combater a seca”. Além disso, uma dialoga com a outra, não apenas no fato de tratarem da seca, mas também na forma como a tratam. Isso acontece porque se tratando de um enunciado, como vimos, esse não vai surgir do nada, e sim através de enunciados anteriores, refutando-o ou reafirmando-o.

Dessa forma, o que se pode interpretar nas notícias analisadas é que em ambas a seca é caracterizada como sendo a culpada dos problemas vividos pela população. Na primeira notícia aparecem usos como: “a situação foi decretada **devido à** seca nas regiões”. Na segunda, temos: “Governo de AL decreta emergência **por conta da** seca em 77 cidades”, “situação de emergência é **divido à** seca”.

Portanto, trata-se de um discurso político que não compreende a seca como sendo um fenômeno natural da região, já que se trata de uma região semiárida, em que ocorre um *déficit hídrico*, sendo, portanto, um clima natural da região, que necessita de políticas públicas para se conviver com ela. Mas, sim, um discurso de enfrentamento. Isso ocorre porque são discursos de poder, que visam o lucro, construindo, assim, significados acerca da seca e deixando de lado o histórico da mesma.

Cabe aqui ressaltar a importância desse estudo, pois além de possibilitar um novo olhar para a territorialidade, passamos a perceber que através da língua(em) é que se constrói o mundo e que cada escolha está embrida a um contexto específico. É importante também, pois, como futuros profissionais na área da educação, possibilita ir além de só estudar conceitos da teoria, possibilitando a prática da pesquisa, refletindo, assim, sobre os objetos empíricos.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Munis de. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In: SILVA, Gian Carlos de Melo; GOMES, Gustavo Manoel da Silva (Org). **Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências**. Maceió. EDUFAL, 2004.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DURVAL: é preciso dissolver esse Nordeste! 10min 26seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t_Z_e-EK19Y> Acesso em 22 de mar. de 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, Charles. Enunciados e seus significados. In: _____ **Teoria da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 163-180.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: **CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.

HERNANDES, Nilton. A mídia e seus truques: **o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica; interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-27.

PROGRAMA Pauta Especial - A seca em Alagoas - Parte 1. 14min 14seg. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?time_continue=611&v=gfP-UQ8ie_s>. Acesso em 17 de nov. de 2017.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. Do Dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade. In: **O que é uma leitura enunciativa-discursiva?**. Arapiraca: UNEAL, 2012. p. 32-38.